



EDGAR WALLAGE

**O VALE DOS
FANTASMAS**

TRADUÇÃO DE GUSERTO BERNARDES DE OLIVEIRA



**EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO**

O destino e um carro possante trouxeram Andrew Macleod até os arredores de Beverley. A cidade propriamente dita se erguia onde terminava um relutante ramal de estrada de ferro e não apresentava justificativa visível para sua existência ou meios de manutenção. Todavia, por alguma razão extraordinária, a população de Beverley não morria à míngua e as exóticas lojinhas que lhe formavam a larga e ensombrada rua única tinha um ar de prosperidade. Certamente tal não se deveu ao seu aristocrático subúrbio, pois Beverley Green supria-se em grandes magazines alhures e só recorria à cidade quando se tratava de mercadorias esquecidas em suas listas de encomendas. Andy freou diante do prédio do correio e apeou. Em questão de minutos falava pelo telefone com a chefatura; e o tema da conversação era Allison John Wicker, vulgo Scottie Quatro-Olhos, por usar óculos. Scottie tinha ainda outra peculiaridade: era dos poucos, em sua profissão, a apreciar os passeios a pé.

Na ocasião, estava sendo procurado porque o gerente de Diamantes Regente S. A., ao chegar ao escritório certa manhã, descobrira que alguém munido de um bico de acetileno lhe poupou o aborrecimento de abrir o cofre à prova de fogo e furto. E aquilo era tão claramente obra de Scottie quanto se ele houvesse passado recibo dos sete pacotes de pedras que surripiara. Reforçou-se imediatamente o policiamento de estações ferroviárias, portos e aeroportos; hotéis foram varejados e alertaram-se todas as delegacias.

Andy Macleod, em gozo de férias, com uma vara de pesca e uma pilha de livros que não tinha tido tempo de ler durante o ano, foi arrancado às suas distrações a fim de organizar a busca.

Tendo iniciado a vida na qualidade de Dr. Madeod, patologista-assistente da chefatura, resvalara para a profissão de apanha-ladrões sem saber ao certo como. Oficialmente, era ainda patologista, homem convocado ao banco das testemunhas para atestar a maneira pela qual se dera a morte; extra-oficialmente, embora o tratassem de "senhor", para os policiais mais novos era o Andy.

— Passou por Panton Mills, em excursão a pé, faz três dias. Tenho certeza absoluta de que era Scottie —, disse. — Estou vasculhando a região até Three Lakes. A polícia local jura que ele jamais se aproximou de Beverley; vale dizer, ele deve estar vivendo às suas barbas. Gente brilhante esta; perguntou-me se ele havia feito algo errado, embora desde há uma semana o pessoal daqui estivesse de posse, não apenas dos detalhes do crime, mas também de uma descrição de Scottie.

Naquele instante, uma moça penetrou no prédio do correio. Olhando de esguelha pela vidraça da cabina telefônica, Andy notou-a com admiração. Atraente, bonita, linda? Para uma mulher, era bastante alta; esguia, sem ser magricela.

— Sim, creio que sim, — respondeu mecanicamente ao chefe, os olhos fitos na moça.

Ela ergueu a mão, exibindo um anel de noivado, todo em ouro, incrustado de pequeninas esmeraldas... talvez fossem safiras... não, eram esmeraldas. Ele lhes viu o reflexo verde-mar.

Andy abriu a porta da cabina pouco depois de haver transmitido a parte secreta da sua informação e, com um ouvido livre, captou o murmúrio da voz da moça.

"Mais do que bonita", decidiu, e admirou-lhe o perfil voltado em sua direção.

Aconteceu então uma coisa curiosa. Ela deveria ter olhado para Andy quando êste tinha os olhos voltados noutra direção. Possivelmente perguntara quem era; mais provavelmente ainda, o velho e gárrulo funcionário do correio oferecera-se para informá-la. Andy ouviu a palavra "detetive". Na posição em que estava, tinha uma visão bastante nítida do rosto da moça.

— Detetive! — ela sussurrou apenas a palavra, mas ele ouviu... e viu. Os dedos da jovem se crisparam na quina do balcão; a cor lhe fugiu do rosto, deixando-o pálido de morte.

Andy, interessado e surpreso, baixou o receptor do ouvido; naquele instante, ela se voltou e ficaram frente a frente. Nos olhos da moça havia medo, pânico, pavor; percebeu neles algo como que aprisionado e torturado. Depois seus olhos se desviaram e ela tateou no balcão à procura do dinheiro — o troco deixado ali pelo velho — a mão tão trêmula que foi obrigada a despejar as moedas na outra mão em concha e sair correndo do escritório.

Não se dando conta de que na outra extremidade do fio um intrigado funcionário de polícia batia no gancho com aflição, sem haver podido expressar suas opiniões, Andy desligou o aparelho e saiu da cabina.

— Quem era aquela senhora? — perguntou.

— Aquela? Beni, cavalheiro, aquela era a senhorita Nelson, de Green; Beverley Green, perto das colinas. Lugar maravilhoso... merece ser conhecido. Ali mora uma porção de gente rica. O Sr. Boyd Salter; já ouviu falar dêle? E o Sr. Merrivan, ricaço também, embora um tanto sovina, e, bem, uma porção de gente rica. É uma espécie de... como se chama? Cidade-jardim, é isso. A família do Sr. Nelson já morava lá muito antes de surgir a cidade-jardim. Lembro-me do avô dêle; excelente velhote!

O agente do correio estava pronto para fornecer biografias minuciosas das pessoas abastadas de Beverley Green, mas Andy ansiava por mais uma olhadela na môça e lhe cortou a dissertação.

Viu-a descendo às pressas pelo meio da rua e imaginou-a a caminho da estação.

Sentia-se irritado e perplexo. Como explicar a agitação dela? Por que teria ela mêdo de detetives? Que espécie de loucura, grande ou pequena, seria responsável pelo terror frio que lhe assomara aos olhos?

Era perda de tempo procurar a causa. A gente daqueles lugarejos, pitorescos, alheados do mundo, onde a torrente da vida parece tão idílica e imune às grandes tempestades passionais que açoitam as superfícies dos grandes centros, tem inevitavelmente de enfrentar crises não menos trágicas que as experimentadas pelos habitantes de um mundo maior.

Mas...

A palavra "detetive" sugerindo, como de fato sugere, investigações secretas da lei, não causa mal-estar em pessoas normais e cumpridoras da lei.

— Hum! — disse Andy, esfregando o queixo liso. — Com isto não iremos apanhar Scottie!

Tomou o carro e rumou para fora da aldeia, tencionando seguir até a estrada principal e dar uma busca na rede de estradas secundárias localizada ao sul, principiando por um ponto situado a vinte milhas de distância.

Ao reduzir a velocidade para entrar numa curva fechada, cerca de milha e meia adiante de Beverley, viu uma abertura à direita da sebe. Havia um bulevar largo, coberto de cascalho, flanqueado de árvores; as veredas, debruadas da relva muito bem aparada, enroscavam-se em curvas que se perdiam ao longe. Um artístico letreiro anunciava ESTRADA PRIVATIVA PARA BEVERLEY GREEN.

Devido à velocidade, Andy ultrapassara a abertura, e fez então marcha à ré, fitou pensativamente a indicação, e enveredou por aquela estrada. Dificilmente Scottie se meteria num provável beco sem saída. Por outro lado, tinha ele o gênio versátil e oportunista; e Beverley Green era uma comunidade rica. Foi o que Andy se disse à guisa de desculpa, embora soubesse no íntimo que sua curiosidade tinha outra causa. Queria ver a casa em que ela morava.

A estrada ziguezagueou, volteou e fez por fim uma curva mais fechada que as habituais. Beverley Green surgiu em toda a sua beleza estival. Andy reduziu grandemente a velocidade. Diante dele se

abria um amplo espaço; quase plano e orlado por uma fieira contínua de arbustos em flor. A menos de doze metros do caminho havia um tze, sinal inequívoco da existência de um clube de golfe, o qual possivelmente, se estenderia por todo o vale. Incrustada na verdura, mal se mostrando por entre as árvores, uma dúzia de casas. O vislumbre de um frontão, o reluzir de uma janela branca, uma ponta de madeiramento, o aprumo de uma retorcida chaminé isabelina caracterizavam o tipo de arquitetura.

Andy olhou em torno, procurando a quem interpelar. A estrada virava abruptamente à esquerda e, no canto, à direita de onde se encontrava, erguia-se uma construção graciosamente recoberta de ardósia, lembrando um clube. Ele descia do carro para aprofundar suas averiguações quando um homem despontou na esquina da referida construção.

"Próspero comerciante local; aposentado" —, disse Andy mentalmente. "Terno cinza, camisa branca. Pomposo, sem dúvida, e perguntando-se por que diabo estarei invadindo estes campos elíseos".

O recém-chegado lançou um olhar decididamente grave sobre o intruso, mas seria exagero dizer que denotava ressentimento.

Sua idade poderia andar entre cinqüenta e cinco e sessenta anos. O rosto, grande e liso, não tinha rugas, e o andar era lesto, quase rápido. Homem graúdo, carregava tão bem sua robustez que só mais tarde Andy percebeu que propendia para a gordura.

Fez uma saudação que dissipou as possíveis dúvidas do visitante quanto à sua hospitalidade.

— Bom dia, cavalheiro, — disse. — Parece procurar alguém. O Green é um recanto difícil para forasteiros; nossas casas não têm nomes nem números.

E riu serenamente.

— Não busco ninguém em especial, — disse Andy, pagando sorriso com sorriso. — Curiosidade, eis o que me trouxe até cá. Belo lugar. Falaram-me dele em Beverley.

O outro inclinou a cabeça.

— Costumamos receber pouquíssimas visitas... estava a pique de dizer "felizmente", mas isso seria descortês da minha parte. A propriedade me pertence e aos vizinhos, e não temos nenhuma estalagem que tente o visitante a ficar. Apenas uma casa de hóspedes —. Apontou para o prédio coberto de glicínias que Andy tomara por um clube. — Mantemo-lo para os de fora. As vezes não nos é possível alojar todos os nossos amigos e às vezes acolhemos uma pessoa.... ahn, ilustre, que se torna, por assim dizer, hóspede de honra da nossa pequena comunidade. No momento, por exemplo, — prosseguiu — temos conosco um eminente geólogo canadense.

— Homem feliz —, comentou Andy sorrindo — comunidade feliz. As casas estarão todas ocupadas?

Ao fazer a pergunta sabia muito bem que as casas estavam ocupadas, mas antevia o teor da resposta.

— Sim, na verdade estão. A última à esquerda pertence ao Sr. Pearson, grande arquiteto; aposentado, está claro. A seguinte, a dos frontões, pertence ao Sr. Wilmot, cavalheiro que... ahn, não sei ao certo o que faz, embora seja meu sobrinho... tem algum interesse na cidade, digamos assim. A outra casa, onde se vêem roseiras trepadeiras, é do Sr. Nelson — Kenneth Leonard Nelson, de quem terá ouvido falar.

— O pintor? — Andy se mostrava interessado.

— Precisamente. Grande artista. Possui um estúdio, mas é impossível vê-lo daqui. Ao que me consta, os pintores preferem a luz norte. A casa da última esquina (talvez não a esteja vendo daqui, mas há uma alameda lateral que leva às quadras de tênis) aquele é o meu solar feudal —, rematou com um sorriso bem-humorado.

— E aquela vasta mansão sobre o flanco da colina?
— perguntou Andy.

Então o pai era Nelson, o pintor. Bem; que teria ouvido a respeito de Nelson, o pintor? O nome lhe sugeria algo desagradável.

— A casa da colina? — replicou o guia. — Infelizmente não faz parte da comunidade. Aliás é o verdadeiro castelo feudal em torno do qual nós, humildes... ahn, camponeses construímos nossas choupanas.

A tirada pareceu agradar-lhe e, antes de prosseguir, ele repetiu — construímos nossas choupanas.

— É a residência do Sr. Boyd Salter. A família mora nestas paragens há séculos, cavalheiro. Os Salters provêm de... bem, não lhe irei impingir sua

história. O Sr. Boyd Salter é riquíssimo, porém semi-inválido.

Andy fez um gesto de assentimento, e o outro continuou.

— Eis nosso hóspede, o Prof. Bellingham. A propósito, meu nome é Merrivan.

Aquele era, pois, o Sr. Merrivan... Rico, embora um tanto sovina — tal fora a descrição que dele fizera o agente do correio.

Andy estudava a figura do geólogo canadense que se aproximava. Um homem ascético com curvatura lombar de estudioso e trajando *tweed*.

— Tem estado nestas colinas a coletar fósseis. Encontraram-se por aqui uma porção deles —, esclareceu o Sr. Merrivan.

— Creio conhecê-lo muito bem —, disse Andy, mais do que interessado.

Ele avançou ao encontro do professor e, quando estavam a poucos passos um do outro, o geólogo ergueu a vista e estacou.

— Falta de sorte, Scottie —, disse Andrew Macleod, simulando pesar. — Vai armar encrenca ou prefere vir almoçar comigo em alguma parte?

— A lógica é o meu fraco —, confessou Scottie, — se me permitir subir ao quarto e emalar umas roupas, irei com você. Vejo que está de carro, mas gostaria de caminhar.

Andy nada disse, porém, quando se reuniram ao Sr. Merrivan:

— O professor vai me mostrar alguns dos seus espécimes —, comentou divertido —; fico-lhe muito grato, Sr. Merrivan, por sua bondade e cortesia.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

